



Livro: uma obra de muitas mãos

Alexandre Santos

Artigo sobre o caráter coletivo das obras literárias.

Entre as muitas facetas da vida em sociedade está a necessidade do homem compensar fragilidades próprias da natureza humana pela força do conjunto - uma condição que pode ser potencializada através da especialização dos indivíduos, os quais, melhor preparados, se habilitam a prestar maior e melhor auxílio ao sucesso do grupo. Nessa esteira, o sistema de produção se beneficia com a divisão do trabalho em tarefas exercidas segundo formações, pendores e vocações, aproveitando a máxima contribuição ao alcance de cada um. Na realidade, o regime de cooperação é mais amplo, pois inclui a participação indireta do grande número de profissionais responsáveis pela existência de conhecimentos, insumos, equipamentos e ferramentas usados no processo. Este sistema vem sendo aplicado com êxito em todo o espectro da produção, desde as atividades mais simples, como capinar um terreno, até as mais complexas, como construir um submarino de propulsão nuclear. Para ter idéia da amplitude deste proceder, imagine a quantidade de especialistas empenhados na edificação de um prédio: são arquitetos, topógrafos, calculistas, projetistas, engenheiros das mais diversas modalidades, laboratoristas, mestres, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, serventes, jardineiros, operadores, motoristas, vidraceiros, almoxarifes, compradores, vigilantes, pessoal de apoio, etc. etc. e, ainda, aqueles engajados na produção e fornecimento dos insumos utilizados. A verdade é que, nos dias correntes, qualquer que seja a área, são raríssimos os casos em que a produção decorre da aplicação de um único profissional. Até mesmo os multitalentosos recorrem ao concurso de insumos pré-fabricados e ao auxílio de especialistas em áreas complementares para atingir melhores resultados.

No mundo das artes não é diferente. De fato, sem ofuscar os méritos do criador, muitos profissionais costumam ser mobilizados para agregar valor às obras artísticas, tornando-as mais inteligíveis, acessíveis e agradáveis ao público. Diretores, produtores, roteiristas, atores, cinegrafistas, fotógrafos, estilistas, continuístas, iluminadores, operadores, motoristas e um rol sem fim de outros profissionais se empenham, por exemplo, para dar vida a um filme. Coisa parecida ocorre em todas as outras artes, deixando clara a mensagem de que, embora seja a figura central, o autor ou interprete não são os únicos responsáveis pela consolidação de uma obra artística.

Assim também é na literatura. Escrito por um artista da palavra, o livro é uma obra coletiva. Além, claro, daquele que escreveu o conteúdo, o livro carrega a contribuição, não apenas de todos que, direta ou indiretamente, concorreram para a formação intelectual do autor, mas, também, de capistas, designers, revisores, editores, gráficos, impressores, etc.

De fato, embora essencial, a obra do escritor, por si só, não é suficiente para constituir um livro. Quantos textos jazem em gavetas esquecidas ou nas memórias de computadores obsoletos, sujeitos às traças e aos vírus digitais, porque o escritor não conseguiu reunir o talento dos demais profissionais necessários à produção do livro?

Mas, alcançar a produção, por melhor que seja o livro, não o torna uma obra de arte. Só quem pode atribuir esse galardão é o leitor. Aliás, nesse ponto, o óculos, que torna possível a leitura, tem importância similar à imprensa, que tornou possível a impressão. De qualquer forma, está claro que, mesmo escrito e impresso, até o melhor dos livros ainda requer o concurso de muitas outras mãos para chegar aos olhos dos leitores e, assim, ganhar a chance de ser considerado uma obra de arte. Nunca é demais lembrar o montão de livros que, muitas vezes, permanecem amontoados no atelier de escritores porque não receberam o apoio de estruturas capazes de operar a sua divulgação, distribuição e comercialização.

Os escritores que, ainda, não descobriram o caráter coletivo da produção dos livros correm o risco de nunca verem publicados os textos que escrevem e, de toda a sorte, caso não dediquem a devida atenção aos caminhos que levam aos leitores, correm o risco de os verem inertes como pepitas perdidas na areia, jamais reconhecidos como obras de arte.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores

Publicado pelo jornal Folha de Pernambuco em 16 de fevereiro de 2013.
http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/edicaoimpresa/arquivos/2013/02/16_02_2013/0048.html